RESUMO
O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelo ensino regular no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 de suporte. A pesquisa discute as dificuldades pedagógicas, estruturais e sociais presentes nas escolas regulares, considerando a necessidade de adaptações curriculares, formação docente e apoio multiprofissional para garantir uma inclusão efetiva. Embora a inclusão escolar seja assegurada pela legislação brasileira, sua concretização ainda enfrenta obstáculos, especialmente no atendimento aos estudantes que necessitam de suporte intenso. A fundamentação teórica deste estudo basela-se nas contribuições de Lev Vygotsky e Henri Wallon, que defendem a importância das interações sociais e afetivas no desenvolvimento infantil. Nesse contexto, compreende-se que a inclusão do aluno com TEA nível 3 exige que a escola ultrapasse a função meramente conteudista, tornando-se um espaço de acolhimento, mediação e desenvolvimento humano. Estratégias como rotinas visuais, comunicação alternativa e atividades lúdicas favorecem a autonomia, a socialização e a autoestima do estudante. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, utilizando autores e pesquisadores da área da educação inclusiva e do autismo. Os resultados apontam que a ausência de preparo adequado das instituições escolares, associada à falta de formação continuada dos professores e à insuficiência de profissionais especializados, compromete significativamente o desenvolvimento pedagógico e social da criança autista. Conclui-se que a efetivação da inclusão escolar depende da superação de práticas excludentes, do fortalecimento das políticas públicas e da construção de ações pedagógicas humanizadas que assegurem ao aluno com TEA nível 3 uma participação plena no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Inclusão escolar. Ensino regular. Educação inclusiva. TEA nível 3.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tornou-se um dos principais temas debatidos nas últimas décadas no campo educacional. A proposta de inclusão busca garantir o direito de todos os estudantes à aprendizagem, independentemente de suas limitações físicas, cognitivas ou sociais. Entre os estudantes que necessitam de maior atenção estão as crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente aquelas classificadas como nível 3 de suporte.

O TEA é caracterizado por alterações na comunicação, interação social e comportamento, podendo apresentar graus variados de comprometimento. Segundo a American Psychiatric Association, o nível 3 de suporte refere-se aos casos que necessitam de apoio substancial e contínuo, devido às dificuldades severas de comunicação e adaptação social.

A inclusão de estudantes autistas no ensino regular representa um grande avanço social e educacional. Entretanto, apesar das garantias legais, a realidade escolar ainda revela inúmeras dificuldades para assegurar um ensino de qualidade a esses alunos. A falta de formação docente, a ausência de profissionais especializados, a inadequação curricular e estrutural das escolas são alguns dos fatores que dificultam a inclusão efetiva.

De acordo com Maria Teresa Eglér Mantoan, "a inclusão exige mudanças profundas na escola, no currículo e nas práticas pedagógicas". A autora defende que incluir não significa apenas matricular o aluno na escola regular, mas oferecer condições reais de aprendizagem e participação.

Nesse contexto, este artigo busca discutir os principais desafios enfrentados pelo ensino regular no atendimento às crianças autistas nível 3 de suporte, analisando aspectos pedagógicos, sociais e estruturais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que

afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. O termo "espectro" refere-se à variedade de manifestações e intensidades dos sintomas apresentados pelos indivíduos.
Segundo Leo Kanner, um dos primeiros estudiosos do autismo, as crianças autistas apresentam dificuldades de interação social e comportamentos repetitivos desde a infância.
O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica o autismo em três níveis de suporte:

- Nível 1 – necessita de apoio;
- Nível 2 – necessita de apoio substancial;
- Nível 3 – necessita de apoio muito substancial.

As crianças com TEA nível 3 geralmente apresentam limitações severas na comunicação verbal e não verbal, dificuldades intensas de socialização, resistência a mudanças de rotina e comportamentos repetitivos acentuados.
Segundo estudos recentes sobre inclusão escolar, a presença desses estudantes no ensino regular demanda adaptações significativas no ambiente educacional.
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL
A educação inclusiva no Brasil ganhou força a partir da Constituição Federal de 1988, que assegura a educação como direito de todos.
Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96) consolidou o direito dos estudantes com deficiência ao ensino regular.
Outro importante avanço ocorreu com a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que garante igualdade de oportunidades às pessoas com deficiência.
Segundo Paulo Freire:
"Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos."
Essa perspectiva reforça a necessidade de reconhecer as especificidades de cada estudante, valorizando suas potencialidades.
Apesar dos avanços legais, a realidade escolar ainda apresenta inúmeros desafios. Muitas instituições não possuem estrutura física adequada, materiais pedagógicos adaptados ou profissionais capacitados para atender estudantes autistas nível 3.

DESAFIOS DO ENSINO REGULAR COM CRIANÇAS AUTISTAS NÍVEL 3
- Falta de formação docente
Um dos maiores desafios enfrentados pelas escolas é a falta de preparo dos professores para lidar com estudantes autistas nível 3.
Muitos docentes relatam insegurança diante das crises sensoriais, dificuldades de comunicação e comportamentos agressivos apresentados por algumas crianças autistas.
Segundo Lev Vygotsky, a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais. Dessa forma, cabe à escola criar estratégias que favoreçam o desenvolvimento da criança, respeitando suas limitações e potencialidades.
Ausência de formação continuada compromete a prática pedagógica e dificulta a inclusão efetiva.

- Ausência de profissionais de apoio
Outro grande problema refere-se à falta de profissionais especializados nas escolas.
As crianças autistas nível 3 frequentemente necessitam de acompanhamento individualizado, mediadores escolares, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e apoio multiprofissional.
Segundo Maria Teresa Eglér Mantoan, a inclusão escolar só se torna possível quando a escola oferece suporte pedagógico e humano suficiente para atender às necessidades do estudante.

- Adaptação curricular
O currículo escolar tradicional muitas vezes não atende às necessidades dos estudantes autistas nível 3.
É necessário flexibilizar atividades, adaptar conteúdos e utilizar recursos visuais e tecnológicos para facilitar a aprendizagem.
O uso de imagens, rotinas visuais, comunicação alternativa e atividades sensoriais pode contribuir significativamente para a participação da criança.

- Barreiras sociais e preconceito
Além das dificuldades pedagógicas, muitas crianças autistas enfrentam preconceito e exclusão social no ambiente escolar.
Segundo Henri Wallon, o desenvolvimento infantil está diretamente relacionado às re-

lações afetivas e sociais. Assim, o ambiente escolar deve promover acolhimento, respeito e empatia.
Inclusão não deve limitar-se à presença física da criança na escola, mas envolver sua participação ativa e integração social.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO
A família desempenha papel fundamental no desenvolvimento da criança autista.
Segundo Jean Piaget, o desenvolvimento infantil ocorre por meio da interação entre sujeito e ambiente.
As famílias de crianças autistas nível 3 frequentemente enfrentam desafios emocionais, financeiros e sociais. Por isso, a escola deve atuar de forma acolhedora e colaborativa.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO
Diversas estratégias podem favorecer a inclusão de crianças autistas no ensino regular:
- uso de rotinas visuais;
- comunicação alternativa;
- atividades lúdicas;
- adaptação curricular;
- redução de estímulos sensoriais;
- utilização de tecnologia assistiva;
- acompanhamento individualizado.

Segundo Howard Gardner, cada indivíduo aprende de maneira diferente. Assim, a escola precisa reconhecer múltiplas formas de aprendizagem.

O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS
As políticas públicas são essenciais para garantir uma inclusão efetiva.
É necessário investimento em:
- formação docente;
- contratação de profissionais especializados;
- acessibilidade;
- materiais pedagógicos adaptados;
- ampliação do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Sem apoio governamental, a inclusão torna-se limitada e insuficiente.

O IMPACTO DA INCLUSÃO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA
A inclusão escolar possui papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança autista.
Segundo Lev Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações sociais e das interações estabelecidas no ambiente em que o indivíduo está inserido.
De acordo com Cunha (2017), a inclusão escolar contribui para:
- fortalecimento da autoestima;
- desenvolvimento da autonomia;
- ampliação das habilidades sociais;
- estímulo à comunicação;
- desenvolvimento cognitivo;
- melhora na convivência coletiva.

Segundo Paulo Freire:
"A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo."

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES
A formação continuada é um dos principais fatores para o sucesso da inclusão escolar.
Segundo António Nóvoa, a formação docente deve ser permanente, reflexiva e voltada para os desafios reais da prática pedagógica.
O professor que atua com crianças autistas nível 3 necessita compreender:
- as características do TEA;
- os níveis de suporte;
- as estratégias de comunicação alternativa;
- os recursos pedagógicos adaptados;
- o manejo comportamental;
- as necessidades sensoriais da criança.

Segundo Maria Teresa Eglér Mantoan:
"O professor inclusivo é aquele que reconhece as diferenças como parte natural da condição humana."

A ADAPTAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR
O ambiente escolar exerce grande influência sobre o comportamento e o desenvolvimento da criança autista nível 3.
Segundo Temple Grandin:
"O ambiente pode ajudar ou prejudicar profundamente uma pessoa autista."
Entre as adaptações importantes no am-

biente escolar estão:

- redução de ruídos;
- organização da rotina visual;
- espaços de acolhimento sensorial;
- uso de recursos visuais;
- previsibilidade das atividades;
- sinalizações acessíveis.

O PAPEL DO MEDIADOR ESCOLAR

O mediador escolar possui grande importância no processo de inclusão da criança autista nível 3 no ensino regular.

Esse profissional atua como suporte pedagógico e social, auxiliando o estudante nas atividades escolares e nas interações sociais.

Entre suas funções estão:

- auxiliar na organização da rotina;
- apoiar nas atividades pedagógicas;
- facilitar a comunicação;
- ajudar em momentos de crise;
- estimular a socialização;
- colaborar com o professor regente.

A ausência desse suporte pode gerar:

- isolamento do estudante;
- dificuldades de aprendizagem;
- aumento das crises comportamentais;
- sobrecarga do professor.

DESAFIOS EMOCIONAIS DAS FAMÍLIAS

As famílias de crianças autistas nível 3 enfrentam inúmeros desafios emocionais, sociais e financeiros.

Segundo Donald Winnicott:

"É no ambiente acolhedor que a criança encontra segurança para se desenvolver."

Quando família e escola trabalham juntas, o desenvolvimento da criança torna-se mais significativo.

O PRECONCEITO E A EXCLUSÃO SOCIAL

Apesar dos avanços na legislação, o preconceito ainda é um grande obstáculo para a inclusão de crianças autistas no ensino regular.

Segundo Erving Goffman, o estigma social interfere diretamente na participação do indivíduo na sociedade.

A educação inclusiva deve promover valores como:

- empatia;
- solidariedade;
- respeito;
- igualdade;
- valorização da diversidade.

Segundo Paulo Freire:

"Ninguém educa ninguém sozinho. Os homens se educam em comunhão."

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LÚDICAS

As atividades lúdicas possuem grande relevância no desenvolvimento da criança autista.

Segundo Tizuko Morchida Kishimoto, o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, pois possibilita experiências sociais e cognitivas.

Entre as estratégias pedagógicas mais utilizadas estão:

- jogos educativos;
- histórias ilustradas;
- músicas;
- brincadeiras sensoriais;
- atividades com imagens;
- recursos tecnológicos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR NO FUTURO

A inclusão escolar ainda enfrenta inúmeros desafios, mas os avanços sociais e educacionais demonstram importantes conquistas.

A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva exige:

- investimento público;
- formação docente;
- participação familiar;
- apoio multiprofissional;
- acessibilidade;
- mudança de atitudes sociais.

Segundo Maria Teresa Eglér Mantoan:

"A inclusão escolar rompe com padrões tradicionais de ensino e exige uma escola capaz de ensinar a todos."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças autistas nível 3 de suporte no ensino regular representa um importante avanço na luta pelos direitos educacionais. Entretanto, ainda existem inúmeros desafios que dificultam a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

A falta de preparo docente, a ausência de suporte multiprofissional, as barreiras estruturais e o preconceito comprometem o desenvolvimento escolar dessas crianças.
Incluir não significa apenas garantir matrícula na escola regular, mas oferecer condições reais de aprendizagem, participação e desenvolvimento humano.
É fundamental que o sistema educacional invista em formação continuada, adaptação curricular, acessibilidade e fortalecimento das políticas públicas voltadas à educação inclusiva.
A escola precisa ser um espaço acolhedor, capaz de respeitar as diferenças e promover oportunidades iguais para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015.
CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Estampa, 1975.

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Revista Educação Especial – UFSM

Revista Educação Especial – Inclusão de alunos autistas

Revista REEDUC – Inclusão escolar para criança autista

Revista ID Online – Inclusão de crianças autistas

ResearchGate – Inclusão de crianças autistas no ensino regular